

“Tem de dizer-se por amor da verdade que o viajante escolheu os piores caminhos. Havendo aí à mão a estrada que directamente o levaria a Abrantes, preferiu meter-se pelas alturas do Moradal e da serra Vermelha, onde tinham combinado encontro todas as nuvens e chuvas desta inconstante Primavera. Até perto de Foz Giraldo, o tempo apenas ameaçou. Porém, por todo o caminho que vai daqui a Oleiros a chuva caiu em torrentes, e no alto da serra do Moradal podia jurar-se que ela caía directamente da nuvem, sem aquela desamparada queda que sempre tem de dar. É um caminho de grande solidão: são dezenas de quilómetros sem valma, montes em cima de montes, como pode ser tão grande tão pequeno país. Em Oleiros gostou o viajante de ver as imagens que estão na igreja matriz, ainda que algumas indecorosamente repintadas, como aquela Virgem de pedra que na mão direita segura um ramo de flores, as quais, em vez da sua cor simples e natural, aparecem por igual cobertas de tinta de ouro. Aliás é também assim que se mostram as talhas. Mas a igreja de Oleiros merece largamente a visita, haja vista não só as imagens menos agredidas pela fúria retocadora, mas também o tecto pintado e os azulejos da capela-mor. Oleiros está entre duas serras: a de Alvelos, a sudeste, a Vermelha, a noroeste. Ao meio corre a ribeira da Sertã, agora de tumultuosas águas. O viajante tem o seu fito: quer ir a Álvaro, terra aonde só por este lado se chega, e para isso tem de subir a serra Vermelha. Não é muito alta a serra, nem extensa, se se for comparar. Mas tem uma particular grandeza feita de severidade, de solidão quase angustiosa, com os seus fundos barrancos, as encostas cobertas de urze, a que talvez deva o nome que tem. As nuvens baixas ajudam a criar uma atmosfera de mundo intocado, onde todos os elementos ainda andassem misturados, e onde o homem só pudesse entrar em lentos e calculados passos, para não perturbar a formação primeira. Depois de começar a descer para Álvaro, o viajante não foi longe. A estrada, em arranjo, era mais um rio de lama do que caminho de carros. A chuva não parava de cair, agora menos forte, pelo menos o viajante queria convencer-se disso. Mas um condutor de escavadora que ali estava, abrigado na cabina, avisou: «Se continua, vai-se meter em trabalhos.» Tivesse o viajante ali um pombo-correio e teria mandado um recado a Álvaro, assim não houve mais remédio que voltar para trás, seguir ao longo da crista da serra, outra vez a urze cobrindo tudo, negros e fundos barrocais, olha se houvesse por aqui salteadores.”

José Saramago *in* Viagem a Portugal